

REVISTA REDAÇÃO

21/09/2014 - Ed. 38



Lucas Rocha

POBRE CULTURA

Sexualização precoce e exagerada traz, como consequência, a sociedade do espetáculo, onde é possível presenciar o reinado da televisão e do vídeo, cujo imperativo é ser visto: tocamos e comemos com o olhar. YAGO EUZÉBIO PAIVA



Parabéns, Mafalda

A famosa argentininha faz 50 anos com o mesmo vigor de quando nasceu.

A top model medusa no banquete totêmico (YAGO EUZÉBIO PAIVA)

Sexualização precoce e exagerada traz, como consequência, a sociedade do espetáculo, onde é possível presenciar o reinado da televisão e do vídeo, cujo imperativo é ser visto: tocamos e comemos com o olhar



E JOGA a mão pra cima/e desce na cintura/agora rebolando/ meu Deus, aí que loucura. Mostre-se. Exiba-se. Dispa-se. A tríade sensual e cheia de axé da juventude descolada e transbordando hormônios. Nesse clima de balada, embalada com Absolut, o drinque da moda, é que o olho vai se configurando no órgão por excelência da excitação coletiva. E desce até o chão. Tira o pé do chão. Viva o chão que desliza sob nossos pés como num prolongamento das esteiras, esses modernos objetos de devoção, existentes nas novas igrejas: as academias. Sim, nós temos banana, glúteos frenéticos e televisão. Combinação explosiva, que aumenta a taxa de mais-valia sexual.

O mundo já não é o mesmo, baby. Tudo ocorre numa velocidade vertiginosa. Haja rearranjo para treinar nossas cinco antenas raitéqui: olfato, audição, paladar, tato e visão. A velocidade passou a estruturar o modo de recepção do mundo que nos cerca. **Régis Debray** já nos deu o bizu em seu *Curso de Midiologia Geral*: a maneira como recebemos uma informação determina a maneira como vamos interpretá-la. Ele divide em três esferas as formas como o homem

transmitiu mensagens: logoesfera, grafoesfera e videoesfera. A logoesfera foi o jeito grego de ensinar, por meio da oralidade. Assim, Platão e Aristóteles esbanjavam conhecimento e refinamento intelectual. Com o advento da imprensa, a grafia, a letra, o livro passa a ser o suporte principal de veiculação de pensamento.

Se não fosse a imprensa, talvez a Reforma Protestante não tivesse tido a importância que teve. E, por fim, a videoesfera, com o surgimento do rádio e, principalmente, da televisão. Agora, as notícias entram em nossas casas. Nem precisamos pensar mais, os apresentadores dos telejornais já dizem como devemos pensar sobre determinados assuntos. O que não aparece na TV não existe.

O mundo já não é o mesmo, baby. Tudo ocorre numa velocidade vertiginosa. Haja rearranjo para treinar nossas cinco antenas raitéqui: olfato, audição, paladar, tato e visão. A velocidade passou a estruturar o modo de recepção do mundo que nos cerca

Isso explica, em parte, os baixos índices de leitura do brasileiro. De 1500 até 1930, praticamente nos constituímos como uma sociedade ágrafa. Em torno de 85% da população não sabia ler nem escrever. Ou seja, pelo modelo proposto por Debray estávamos na logoesfera. Com o início da industrialização e sua consequência natural, o crescimento das cidades, essa população que, majoritariamente, era rural vem para os centros urbanos. Na cidade, não foi a escola, responsável pelo processo de adaptação à nova vida. O rádio foi a grande vedete do lazer e do entretenimento. Mais tarde veio a televisão. O que vale dizer: passamos da logoesfera para a videoesfera sem a intermediação da grafia. Com o influxo do cinema roliudiano, a sociedade brasileira mergulha no domínio do audiovisual em sua conformação intelectual e sentimental. Ser olhado começa a ser fundamental.

"Qual a minha tese? Ei-la: a Xuxa antecipa a menstruação das meninas, preparando o mais rápido possível seu ingresso na organização genital, mercantil da adolescência. Nessa organização genital reificada, o sangue menstrual precoce, cuja metonímia é o batom ou saltinho alto, consagra o sonho americano consumista da paqueta ágrafa e analfabeta na periferia do capitalismo videofinanceiro." (VASCONCELLOS, 1998, p. 19)

O olhar

O psicanalista Antonio Quinet, em seu interessantíssimo livro *Um olhar a mais*, aborda, conceitual e clinicamente, o olhar. A reflexão sobre o olhar começa com os gregos. Platão relacionava ver e saber. Chega a afirmar que a visão funda a Filosofia. E mais: no livro *A República*, diz que a contemplação da ideia é o objetivo final do olhar. Mas, para que as coisas possam ser contempladas pelo olhar, é necessária a introdução de um elemento fundamental: a luz. É a luz que faz a ponte entre a sensação do ver e a propriedade de ser visto (QUINET, 2004).

A visão perdeu o caráter de saber teorizado, tanto por Platão quanto por Aristóteles, quando entraram em cena os pensadores cristãos Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Aqui, o olhar é identificado com cobiça. Segundo a tradição cristã, o pecado entra pelos olhos. A fé, que é o verdadeiro conhecimento, é propriedade do ouvir. Daí, a importância da pregação para o Apóstolo Paulo. Quando a Filosofia volta a ter autonomia em relação à religião, Descartes inaugura uma nova forma de encarar o olhar. O que importa é o olhar da razão. É a razão que joga um holofote sobre as ideias. Quando **Galileu** mostra ao mundo que observar o universo com um telescópio amplia o alcance do entendimento humano, a visão passou a ser vista como um ato de conhecimento.

Pouco mais tarde, outra corrente filosófica, que deixou suas digitais no pensamento humano, a Fenomenologia, vai colocar o olhar em outro patamar. A Fenomenologia vai direcionar o olhar para a captura da essência de cada maneira de pensar. Cada estado de consciência tem sempre um elo com um objeto. Só a partir da Psicanálise, segundo Quinet, que o olho, e, por conseguinte, o olhar, é concebido como fonte da libido. Essa descoberta é imprescindível para a análise do que é a sociedade escópica, objeto do livro do psicanalista.



Agora, as notícias entram em nossas casas e nem precisamos pensar mais, pois os apresentadores dos telejornais já dizem como devemos pensar sobre determinados assuntos. O que não aparece na TV não existe

A sociedade escópica é a sociedade do espetáculo, onde presenciamos o reinado da televisão e do vídeo, cujo imperativo é ser visto. Por essa razão, toda a tecnologia desenvolvida é para ampliar o olhar (QUINET, 2004). Essa loucura para ser olhado faz com que a pulsão escópica dê beleza ao objeto de nosso desejo. Tocamos com o olhar, comemos com o olhar. São as imagens as responsáveis por fazer a intermediação dos contatos entre os indivíduos, e seu ápice está no “gozo da refeição totêmica”. O carnaval é o exemplo mais paradigmático disso.



Com o influxo do cinema roliudiano, a sociedade brasileira mergulha no domínio do audiovisual em sua conformação intelectual e sentimental. Ser olhado começa a ser fundamental

Quando a Filosofia volta a ter autonomia em relação à religião, Descartes inaugura uma nova forma de encarar o olhar. O que importa é o olhar da razão. É a razão que joga um holofote sobre as ideias. Quando Galileu mostra ao mundo que observar o universo com um telescópio amplia o alcance do entendimento humano, a visão passou a ser vista como um ato de conhecimento

***Régis Debray** » Jules Régis Debray (2/9/1940) é um filósofo, jornalista, escritor e professor francês. Oriundo de uma família burguesa abastada, se doutorou na Escola Normal Superior de Paris. Foi seguidor do marxista Louis Althusser. Na década de 1960, se envolveu com grupos guerrilheiros da América Latina. Foi preso na Bolívia e depois libertado, no ano de 1970. Professor de Filosofia na Universidade de Lyon, é autor de numerosos livros, entre eles *La révolution dans la révolution* (1967), *Le pouvoir intellectuel en France* (1979), *Que vive la République* (1989) e *L'État séducteur* (1993).

***Galileu** » Físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano de Pisa, Galileu Galilei (15/2/1564-8/1/1642) foi um personagem considerado fundamental na revolução científica. Durante sua juventude, escreveu obras sobre Dante e Tasso. Ainda nessa fase, fez a descoberta da lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia. Foi um dos principais representantes do Renascimento Científico dos séculos XVI e XVII. Criou a balança hidrostática, que, posteriormente, originou o relógio de pêndulo. A partir da informação da construção do primeiro telescópio, na Holanda, construiu a primeira luneta astronômica e, com ela, observou a composição estelar da Via Láctea, os satélites de Júpiter, as manchas do Sol e as faces de Vênus. Por estar muito à frente de seu tempo, foi acusado de herege.

Alegoria brilhante

Na sociedade escópica, ainda segundo Quinet, numa alegoria brilhante, quem está no comando é a Medusa, ser mitológico que tem o poder de petrificar quem olha, diretamente, para os seus olhos. É justamente esse efeito de petrificação, amalgamado com o de fascinação do delírio do olhar, que marca nossa civilização. O olhar noético, da alma, foi jantado pelo

olhar cheio de desejo no rebolado sensual. No país do sertanejo universitário, do axé e do funk, a pulsão escópica comanda, soberanamente, os olhares, fazendo nossas bocas salivarem. Os glúteos avantajados e bamboleantes passaram de tabu a totem. De proibidos a idolatrados. A bunda é a Medusa moderna, que petrifica e, ao mesmo tempo, castra e faz com que vivamos o espetáculo do voyeurismo. Por debaixo da saia. Câmera indiscreta. A luz, a luz, a luz.

"No campo da higiene mental, a primeira e principal tarefa consiste em substituir o caos sexual, a prostituição, a literatura pornográfica e o tráfico sexual pela felicidade natural do amor protegido pela sociedade [...]" (REICH, 1977, p. 20)

O rebolado, em que pese sua penetração no imaginário masculino com o senhor de escravo, foi considerado lascivo e proibido para as "moças direitas" até a década de 1930. Nessa década, porém, o rebolado foi institucionalizado no Brasil

Em *Made in África*, o folclorista Luís da Câmara Cascudo fez a genealogia do rebolado. Viajando pela África, em busca das influências culturais negras no Brasil, o estudioso se depara com os bailados africanos: "[...] Chigaza é o rebolado vivo, intenso, infatigável. Macara é o tremer, o corpo inteiro vibrando. Cutsatsula é o alucinado meneio de uma ou outra nádega, alternadamente, ao som das timbilas, as clássicas marimbas das 'Gentes Afortunadas' [...]" (CASCUDO, 2001, 154). O balanceado dos quadris, em rotação permanente e que desperta a volúpia em quem assiste a dança, veio de Angola. Técnica de sedução, foi a africana quem ensinou à brasileira o andar rebolado. Na Europa, as mulheres não rebolavam, a Índia também não conhecia o gingado dos quadris.



São as imagens as responsáveis por fazer a intermediação dos contatos entre os indivíduos, e seu ápice está no "gozo da refeição totêmica". O carnaval é o exemplo mais paradigmático desta situação

"[...] O anacoluto invadiu a Senzala e a Casa-Grande, o Palácio do Planalto e o barraco inóspito. Recurso onipresente na comunicação contemporânea, o anacoluto é o reflexo do domínio da telenovela desde 1965, o ano da implantação da videoesfera na cultura brasileira, isto é, o complexo da TV, do clip, do formato, do telemático. Isso quer dizer que a Paideia da telenovela substituiu a letra da escola, de modo que o predomínio da oralidade popular (o triunfo do homo loquens sobre o homo scribens) se faz sob a égide da aculturação boçal made in TV." (VASCO NCELLOS, 1998, p. 37)



***Chacrinha** » José Abelardo Barbosa de Medeiros, o Chacrinha (30/9/1917-30/6/1988), é considerado, até hoje, por estudiosos uma das principais referências como comunicador no Brasil. Com intensa atuação em programas de auditório de rádio e, principalmente, na televisão, conquistou enorme sucesso entre os anos 1950 e 1980. Comandou o programa Cassino do Chacrinha, em que lançou vários artistas de renome na música brasileira. É autor da célebre frase "Na televisão, nada se cria, tudo se copia". Na década de 1970, passou a ser chamado de Velho Guerreiro, por conta da homenagem de Gilberto Gil na música Aquele abraço. Usava roupas extravagantes e uma buzina na mão para desclassificar os calouros do programa, que tinha jurados e chacretes.

O rebolado, em que pese sua penetração no imaginário masculino com o senhor de escravo, foi

considerado lascivo e proibido para as "moças direitas" até a década de 1930. Nessa década, porém, o rebolado foi institucionalizado no Brasil. Aqui, eu lembro o genial Dorival Caymmi, perguntando, em um clássico de nossa música popular, O que é que a baiana tem? "O que é que a baiana tem?/ Tem torso de seda tem (tem)/Tem brinco de ouro tem (tem)/Corrente de ouro tem (tem)/Tem pano da Costa tem (tem)/ Tem bata rendada tem (tem) /Pulseira de ouro tem (tem)/E tem saia engomada tem (tem)/Tem sandália enfeitada tem (tem)/E tem graça como ninguém...!/O que é que a baiana tem?/Como ela requebra bem...!/O que é que a baiana tem?/ Quando você se requebrar caia por cima de mim/O que é que a baiana tem?/Mas o que é que a baiana tem?/O que é que a baiana tem?".

Com o início da industrialização e sua consequência natural, o crescimento das cidades, essa população que, majoritariamente, era rural vem para os centros urbanos. Na cidade, não foi a escola responsável pelo processo de adaptação à nova vida. O rádio foi a grande vedete do lazer e do entretenimento

Essa primeira parte da música, imortalizada por Carmem Miranda, a primeira mulher fruta do Brasil, ilustra bem a institucionalização do rebolado em nossa sociedade. A cada vez que é perguntado o que é que a baiana tem, a resposta faz com que observemos um detalhe da vestimenta da cantora, que começa na cabeça e desce até os pés. Mas, detalhe: o refrão nos fixa nos quadris e pede que quando ela se requebrar caia por cima dele. Ao final da música, os olhos percorreram o corpo da intérprete. Talvez essa composição tenha inaugurado um estilo novo de música: música para se olhar. A partir daí, o requebrado despertou a atenção da indústria cultural. É bom frisar que, com Carmem Miranda, o rebolado ainda tinha um quê de mistério, apenas insinuava, nada era explícito e a imaginação corria solta na libido masculina.

Ainda iria demorar pelo menos três décadas para que o rebolado, que deixava explícitos os glúteos, ganhasse dimensão nacional. Isso veio com o apresentador **Chacrinha** e com a abrangência da televisão no Brasil. As chacretes, símbolos sexuais – dentre as quais a mais badalada, Rita Cadilac –, criaram um novo padrão de sensualidade no Brasil. Daí, a bunda passa a ser um objeto de fascínio para o homem brasileiro. Mas o que a indústria cultural fez? Pegou um traço arraigado na cultura popular, que é o gosto pelo rebolado, e o transformou em uma mercadoria altamente lucrativa. Somado a isso, a força discreta que os militares deram às pornochanchadas, como uma forma de destruir o cinema politizado, em especial o Cinema Novo, que marca o início da sexualização exacerbada de nossa sociedade.



Na sociedade escópica, quem está no comando é a Medusa, ser mitológico que tem o poder de petrificar quem olha, diretamente, para os seus olhos. É justamente esse efeito de petrificação que marca nossa civilização

Xuxa e o cabaré

Todo esse processo, que acertou em cheio os adultos, vai respingar nas crianças, a partir de meados dos anos de 1980, com o programa da Xuxa, teorizado pelo sociólogo Gilberto Felisberto Vasconcellos, em seu ensaio O cabaré das crianças. Quanto mais cedo se entrar no mercado de consumo, mais a indústria fatura. Botinha da Xuxa, saíinha da Xuxa, batonzinho da Xuxa, celular da Xuxa etc. Depois da Xuxa, vem a explosão do axé miusiqui no início dos anos de 1990, com o fenômeno Carla Perez, que elevou o grupo É o Tchan à condição de estrela no mercado de entretenimento no Brasil. O que importava não eram as músicas, mas, sim, ver a loira de glúteos enormes rebolando. Música para se olhar. Nos anos 2000, verificamos a insurgência do funk, com suas letras pornográficas e dançarinas que tiram suas calcinhas no palco e esfregam suas partes íntimas no rosto de uma cobaia escolhida entre o público. Mais uma demonstração de música para se olhar. Olhar com os olhos e lambe com a testa. Como se desgraça pouca fosse bobagem, surge uma nova moda – o sertanejo universitário. Com letras que exaltam a embriaguez, o sexo casual, a balada e a mulher como objeto, sempre interesseira e pronta para um lê-lê-lê, faz um tremendo sucesso e os shows das duplas estão sempre lotados.

O que estamos presenciando é o desenvolvimento de uma sociedade artificial, medíocre e ávida por consumir o lixo que as indústrias televisivas nos dão em um lindo papel de presente. Antes, vivíamos num pêndulo – segurança e insegurança –, hoje vivemos entre o visível e o invisível

Como se não bastasse essa overdose de idiotices, a televisão completa o quadro sexual da sociedade brasileira. Os gregos diziam que a visão só é possível com a luz. A luz que completa nossa visão é a câmera que direciona nossos olhares e nos enquadra no centro da estética pornô. Dançarinas de fio dental, em horários em que crianças ainda estão acordadas, e cenas de sexo em novelas. É a nudez comercializada como arte e, nesse caso, está longe de ser um nu artístico. Quanto mais sexualizada e pornográfica é uma sociedade, menos autonomia de pensamento podemos observar nela.

Voltando a Quinet (2004), a imagem governa as relações entre os indivíduos. Podemos extrair daí que a televisão é o agalma moderno, engana nosso olho para nos fazer olhar. A plástica, a maquiagem, o Photoshop, a câmera na posição certa estão aí para reinventar nossa concepção do belo, intensificando a pulsão escópica, que faz do objeto feminino e masculino um totem lindo, charmoso e excitante. Por isso que quando uma “celebridade” vai colocar silicone, vai para a TV anunciar o espetáculo. É o desejo de ser olhado o tempo todo. Há uma espécie de necessidade de se sentir no big brother. O nível de exposição chegou a patamares absurdos. O facebook é o instrumento que informa todos os nossos compromissos. Se a pessoa está fazendo unha, posta no facebook; se está numa cama de hospital, posta no facebook; se está de mudança, posta no facebook; se vai sair em viagem, posta no facebook; se começa um namoro, posta no facebook, e assim por diante. É que nossa cotação na bolsa de curtidas aumenta quando somos olhados com admiração e com uma pitada de inveja.



O rebolado foi considerado lascivo e proibido para as “moças direitas” até a década de 1930. Depois, acabou institucionalizado no Brasil. Dorival Caymmi já perguntava: “o que é que a baiana tem?”

“A produção do olhar em nossa sociedade atual é privilegiada – como aparece no imperativo da fama, de celebridade e de transparência, no empuxo-aovídeo televisão, cinema, vídeo, com a produção incessante de aparelhos fabricados pela ciência tecnológica e, também, no controle policial em que todos devem ser vigiados o tempo todo, cujo paradigma encontramos no programa de espionagem Echelon.”

(QUINET, 2004, p. 14)

O que estamos presenciando é o desenvolvimento de uma sociedade artificial, medíocre e ávida para consumir o lixo que as indústrias televisivas nos dão em um lindo papel de presente. Antes, vivíamos num pêndulo, segurança e insegurança – hoje, vivemos entre o visível e o invisível. Quinet (2004, p. 42-43) pergunta como se articulam o visível e o invisível? E responde: “O registro simbólico age como uma barreira entre o imaginário e o real ao mesmo tempo em que os articulam. O registro do imaginário é o campo visível, onde se encontra o mundo dos objetos perceptíveis e das imagens, que segue a tópica especular. É onde reina o eu, mestre da consciência, do corporal e da extensão (no sentido cartesiano), que, no entanto, não governa – pois quem comanda é o simbólico com sua lógica significante. O real é o registro pulsional, da causalidade [...] invisível aos olhos humanos, em que o olhar faz de todos (os que veem e os que não veem) seres vistos, mergulhados na visão [...]”. E, retomando **Lacan**, o psicanalista reforça a ideia de que há uma subordinação do sujeito ao significante. Se as representações unem-se por meio da linguagem, estamos perdidos com o baixíssimo nível da linguagem de nossas atuais representações simbólicas.

Há em curso uma infantilização da linguagem e dos sentimentos dos adultos, já disse Gilberto Vasconcellos. A linguagem tatibitate, a baixa aderência dos conteúdos escolares, a falta de leitura, inversamente proporcional ao vigor com que as baladas são aproveitadas, geram uma sociedade sexualizada no pior sentido, tangendo a pornografia. O homem é um animal de hábitos. Quanto mais somos bombardeados com um único tipo de informação, mais vamos gostando dela. Estamos nos tornando menos cultos a cada geração, mas qual o problema? Joga a mão pra cima/desce na cintura/agora rebolando/ meu Deus, ai que loucura.

***Lacan** » Um dos principais nomes da Psicanálise em todos os tempos e cultuado até hoje, Jacques-Marie Émile Lacan (13/4/1901-9/9/1981) era francês de Paris. Formado em Medicina, passou da Neurologia à Psiquiatria, tendo sido aluno de Gatian de Clérambault. Travou contato com a Psicanálise por meio do Surrealismo e, a partir de 1951, afirmou que os pós-freudianos haviam se desviado. Por isso, propôs um retorno a Freud e passou a se utilizar da linguística de Saussure e da Antropologia estrutural de Lévi- Strauss, tornando-se importante figura do Estruturalismo. Posteriormente, se dedicou à Lógica e à Topologia.

Referências

CASCUDO, L. da C. Made in África. 5. ed. São Paulo: Global, 2001. 185 p. DEBRAY, R. Curso de Midiologia Geral. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993. 419 p. QUINET, A. Um olhar a mais – ver e ser visto na Psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 312 p. REIC H, W. A função do orgasmo. Tradução Maria da Glória Novak. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977. 328 p. Vasconcellos, G. F. O cabaré das crianças. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998. 211 p.

YAGO EUZÉBIO PAIVA é sociólogo e mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora, professor de Sociologia, Antropologia e Metodologia de Pesquisa da FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação de Santa Rita do Sapucaí-MG e autor do livro Sociologia Pau Brasil, pela Editora Multifoco. **Revista SOCIOLOGIA, Setembro de 2014.**



O processo de sexualização exacerbada acertou em cheio os adultos, mas respingou nas crianças, a partir de meados dos anos de 1980, com o programa da Xuxa. Quanto mais cedo se entrar no mercado de consumo, mais a indústria fatura

Parabéns, Mafalda (CLÁUDIA COELHO)

A famosa argentininha faz 50 anos com o mesmo vigor de quando nasceu

Quem já não ouviu falar de Mafalda, a garotinha argentina "(...) espelho da classe média latinoamericana e da juventude progressista" Aguilera, Ricardo; Díaz, Lorenzo (1989), defensora da Humanidade e da paz mundial, famosa por seu inconformismo em relação aos valores representados por seus pais?

" Nos anos 1970, a literatura latinoamericana dividiu a atenção universal com Mafalda, uma menina muito observadora e perplexa diante das contradições do mundo."

ESSA menina, que encantou e até hoje encanta a todos por sua sagacidade, irreverência e outros predicados e que neste ano completa 50 anos, chegou ao mundo sem estardalhaço — em três tímidas tiras publicadas no início de 1964 no suplemento humorístico Gregorio da revista literária Leoplán. Sua estreia oficial, entretanto, se daria somente em 29 de setembro de 1964, quando passou a estrelar, inicialmente apenas com seu Papá Tomás, um cartum fixo da revista semanal Primera Plana. No mesmo ano, surge sua Mamá Raquel, e no início de 1965 o amigo Felipe ganha forma.

Com o passar do tempo, Joaquín Salvador Lavado, ou, simplesmente, Quino, seu criador, foi acrescentando personagens às historietas, dentre os quais merecem destaque os amigos de Mafalda — Felipe, Manolito, Susanita, Miguel 'Miguelito' Pitti e Liberdade — e seu irmão Guille 'Gui'.

Mafalda já foi traduzida para mais de trinta idiomas. Em 1969, seu criador, Quino e sua criação ganharam notoriedade internacional com a publicação na Europa de Mafalda, a Rebelde, a primeira edição italiana de Mafalda, com prefácio de ninguém menos que Umberto Eco. Nele, o escritor, filósofo, linguista e tradutor italiano definiu a personagem como "uma heroína zangada, que não aceita o mundo como ele é, que reivindica seu direito de continuar a ser uma menina e se recusa a assumir um universo corrompido pelos pais"; afirmou ser importante ler as tiras de Mafalda para entender a Argentina, mas ressaltou o caráter universal das inquietudes manifestadas por ela e seus amigos.



POR DENTRO - AS HQS NA ARGENTINA

Embora praticamente ignorada no Brasil, a produção de histórias em quadrinhos [HQs] na Argentina sempre foi superdesenvolvida — muito embora haja períodos de baixa produção relacionados às crises econômicas. A Argentina é o país de língua espanhola que mais se desenvolveu no campo das HQs e tem se mantido, há décadas, na liderança desse mercado, exportando personagens para todo mundo. Estão entre os artistas de quadrinhos mais conhecidos, além de Quino: Dante Guillermo, Jose Luis Salinas, Guillermo Mordillo Cisneros, Lino Palácio, Manuel Redondo, Tabaré, Reiser e Sergio Langer. O mestre italiano Hugo Pratt trabalhou anos em Buenos Aires.



Quino parou de produzir e publicar as tirinhas de Mafalda em 1973. Depois disso, o cartunista ainda usou a protagonista das histórias que lhe deram fama mundial algumas poucas vezes para promover campanhas em prol dos direitos humanos, a mais notória delas a Convenção dos Direitos Humanos da Criança de 1976, da Unicef.

Mafalda continua viva e atual; suas histórias, lidas, relidas, republicadas e estudadas – vestibulandos que já precisaram explicar as ideias de Mafalda nas redações que o digam. E para que possamos entender um pouco melhor esse fenômeno, proponho fazer um passeio pelo universo dessa menina — que nasceu em uma época conturbada, de golpes militares na América Latina e da Guerra do Vietnã.



UM POUCO DE HISTÓRIA

Enganam-se os que pensam que Mafalda seja fruto de um arroubo revolucionário de seu criador. Na realidade, ela nasceu quando, em 1962, a Agens Publicidad, por intermédio do humorista e escritor Miguel Brascó, entrou em contato com Quino para que este criasse umas tirinhas de jornais para a fábrica de eletrodomésticos Mansfield. O objetivo era divulgar os produtos da empresa subliminarmente. Brascó, que já havia trabalhado anteriormente com Quino e lembrava-se que o cartunista certa vez comentara que gostaria de criar uma história de quadrinhos com crianças, sugeriu ao cartunista que criasse personagens que fossem uma combinação das histórias de Minduim e de Belinda. As únicas condições impostas pela Mansfield eram que nas historinhas aparecessem eletrodomésticos e que os nomes dos personagens comessem com "M".

Quino produziu, então, várias tiras protagonizadas por uma típica família de classe média: um casal com dois filhos, um menino e uma menina, na qual já se notam algumas das características que marcariam a etapa posterior de Mafalda, em especial no casal. A garota também já denota alguns dos traços de personalidade pelos quais viria a se tornar conhecida; o garoto, no entanto, em nada se assemelha a nenhum dos personagens clássicos da etapa posterior. O nome Mafalda foi inspirado no bebê do filme *Dar La Cara*, de 1962, o qual foi baseado em romance¹ homônimo de David Viñas.

CURIOSIDADE - A NONA ARTE

Os quadrinhos, também conhecidos como Arte Sequencial, que começaram sua trajetória como entretenimento simples, barato e de massa, evoluíram e se estabeleceram definitivamente como arte. Atualmente, são considerados a Nona Arte - integrando cor, palavra e imagem. Em geral, os quadrinhos são editados no formato de revistas, livros ou em tiras publicadas em revistas e jornais, as quais são conhecidas como comics nos Estados Unidos, bandes dessinées na França, fumetti na Itália, tebeos na Espanha, mangás no Japão e historietas na Argentina.



A criação de Quino foi oferecida ao Diario Clarín, o jornal de maior de maior circulação da Argentina, que ao descobrir a estratégia de marketing por trás das “ingênuas” tirinhas cancelou o contrato já firmado para a publicação das historietas. Mafalda ficou de molho por dois anos, até que no início de 1964, Brascó, decidiu publicar três tiras das produzidas para a campanha da Mansfield no suplemento humorístico Gregorio da revista Leoplán — uma revista quinzenal, de cunho literário, que tinha um projeto editorial bem avançado para a época — da qual era diretor. Ainda nesse ano, Julián Delgado, diretor da Primera Plana, propõe a Quino começar a publicar regularmente na revista semanal duas tirinhas de Mafalda por edição, totalmente desvinculadas de propósitos publicitários. Foi a revanche que, aquele que em 1963, após a publicação de seu primeiro livro de coleção de desenhos animados Mundo Quino já era considerado um dos principais humoristas gráficos de seu país, esperava. Sorte nossa.



" O primeiro livro de Mafalda, no exterior, foi publicado na Itália, em 1969."

O cartunista adaptou as tiras já criadas e em suas palavras, “como não tinha de elogiar as virtudes de nenhum aspirador, Mafalda reapareceu reclamona e carrancuda”. A estreia oficial se deu em 29 de setembro de 1964, com a heroína e seu Papá Tomás; em 6 de outubro surge Mamá Raquel e, em 19 de janeiro de 1965, o amigo Filipe.



Em 9 de março, em virtude de diferenças de critério e pontos de vista, Quino termina sua relação com a Primera Plana e, graças, mais uma vez ao intermédio de Brascó, passa a publicar suas histórias no jornal El Mundo, à época, um dos periódicos de maior circulação na Argentina. Neste ano, Mafalda ingressa no jardim da infância, aparecem Manolito e Susanita. No início de 1966, Miguelito entra em cena. Ainda nesse ano, Mafalda passa a ser publicada em vários periódicos no interior da Argentina e é lançado o primeiro livro de coleção de tirinhas de Mafalda, cuja primeira edição é esgotada em uma questão de dias. Em agosto de 1967, a Mamá de Mafalda fica sabendo que está grávida. Entretanto, como consequência do golpe de estado do general Juan Carlos Onganía, na Argentina, em 1966, o El Mundo é obrigado a encerrar suas atividades em 22 de dezembro de 1967, e Mafalda deixa de ser publicada por cinco meses.

Em 2 de junho de 1968, após cerca de cinco meses de reclusão, Mafalda reaparece no periódico Siete Días Ilustrados. Guille, seu irmão, já aparece como bebê, e Sergio Moreno, da redação da revista, destaca 21 de março de 1968 como data de seu nascimento no editorial. Neste ano, trinta tiras de Mafalda são traduzidas para o italiano.



Em 1969, o primeiro livro de Mafalda publicado fora das fronteiras da Argentina é publicado na Itália — Mafalda la contestataria [Mafalda, a rebelde] editado na Itália, por Umberto Eco. Ao final desse mesmo ano, o Papá de Mafalda adquire um Citroën 2CV (um carro econômico, característico da classe média argentina dos anos sessenta e setenta).

Em 15 de fevereiro de 1970, surgiu Liberdade, que Quino declarou, ao completar 80 anos em 2012, para surpresa de todos, preferir à Mafalda por ser ela “uma rebelde utópica, que se opõe a tudo o que é estabelecido”.

BIOGRAFIA – QUINO

Filho de imigrantes espanhóis da Andaluzia, Joaquín Salvador Tejón, ou apenas Quino, nasceu em 1932 na província de Mendoza, na Argentina. A paixão pelo desenho foi despertada logo cedo, por um tio de mesmo nome, ilustrador. Aos 17 anos, após a morte do pai, Quino abandonou os estudos na Escola de Belas Artes de Mendoza com o sonho de ser escritor de histórias em quadrinhos. Em 1954, mudou-se para Buenos Aires, mas seu sucesso não foi imediato, pois nenhuma editora o aceitou, ainda que já tivesse vendido uma de suas histórias. Mais tarde, com a publicação de Mafalda, Quino se destacaria pelo humor ácido e cínico, implacável na crítica da condição humana. Em sua carreira de mais de 50 anos, publicou vários livros de humor como Eu Não Grito! (1972), Bem, Obrigado e Você? (1976), As Pessoas em Seu Lugar (1986), Quem Está Ai? (2012). Depois do golpe de Estado na Argentina em março de 1976, Quino mudou-se para Milão. Em 1990, adotou a nacionalidade espanhola. Atualmente, reside em Madri e Buenos Aires. Saiba mais em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quino>



Por fim, em 25 de junho de 1973, a última tira de Mafalda foi publicada por decisão do próprio Quino. Uma das versões correntes é que ele teria parado de produzir as histórias de Mafalda ao ver-se obrigado a entregá-las para edição com duas semanas de antecedência, pois apreciava usar em seu trabalho, em suas próprias palavras, “as notícias do dia, o que saía nos jornais”. No entanto, acredito, assim como muitos que acompanharam e acompanham sua trajetória que, como ele mesmo afirmou durante as comemorações do cinquentenário de sua criação que “estava cansado de fazer sempre a mesma coisa”. A decisão passou até por áreas conjugais, segundo Quino “minha mulher estava chateada de não saber se podíamos ir ao cinema, convidar amigos para jantar, pois eu ficava até as dez da noite com as tiras. Além disso, era muito difícil não repetir. Havia um professor da minha geração, Oski, e ele sempre nos advertia para que não tivéssemos um personagem fixo”, continua, “e que, se tivéssemos, deveríamos pegar a tira e tapar o último quadrinho com a mão. Se o leitor adivinhasse como terminaria, deveríamos parar de fazê-lo. Me pareceu um bom momento e não imaginei que 40 anos depois Mafalda continuaria vigente”.

REFERÊNCIA – MINDUIM

Publicada de 2 de outubro de 1950 a 12 de fevereiro de 2000, Peanuts (no Brasil conhecido como Minduim) foi uma tira de jornal escrita e desenhada pelo cartunista norte-americano Charles Schulz (1922- 2000). A série, uma das mais populares e influentes da história da mídia, em seu ápice era publicada em mais de 2600 jornais e tinha um número de leitores estimado em 355 milhões, em 75 países. Peanuts ajudou a tornar as tiras a quatro quadrinhos um padrão nos Estados Unidos. Traduzidas para mais de 40 idiomas, reproduções das tiras ainda são publicadas em diversos jornais do mundo. Dentre os personagens da turma de Minduim, merecem destaque Charlie Brown, Snoopy, Linus, Lucy, Schroeder e Woodstock.



MAFALDA E SEU UNIVERSO

Quino valeu-se, primeiramente, de uma criança de uma típica família de classe média para expor suas ideias sobre a realidade de seu tempo. O pai, funcionário de uma companhia de seguros, adora cultivar plantas em seu apartamento e sempre entra em crise quando reflete sobre sua idade. A mãe, típica dona de casa, não completou os estudos e, por isso, é vista como “mediocre” por Mafalda.

Mafalda, com humor, critica a postura de seus pais perante a sociedade, preocupa-se com a humanidade, questiona os problemas políticos, de sexo, e até científicos que atingem sua alma infantil, ao mesmo tempo em que reflete os conflitos e angústias que as pessoas de seu tempo enfrentam, sobretudo com a progressiva mudança de costumes e a já incipiente introdução da tecnologia no cotidiano.

MAFALDA E O FEMININO

(com colaboração de Luzdalva S. Magi *)



Mafalda é uma fonte inesgotável de questionamentos, de irreverência e de argumentação, que, por suas sutilezas, podem passar despercebido a um leitor desatento. Para uma garotinha, as indagações e dúvidas que a perturbam se tornam caricatas por não se encaixarem na faixa etária a que ela pertence. E é exatamente nisso que reside seu humor. Apesar do discurso amadurecido, a protagonista, em alguns momentos, reflete atitudes tipicamente infantis, quando, por exemplo, reclama de tomar sopa. Essa disparidade quebra a seriedade de seu discurso e lembra o leitor de que todo o mecanismo nada mais é do que uma metáfora utilizada pelo autor. A situação antagônica entre Mafalda e sua mãe denota a realidade dúbia do universo feminino — no qual coexistem o antigo e o novo, o tabu e a liberdade de construção do ser feminino dentro de uma linha evolutiva da história —, esse um dos aspectos marcantes e mais estudados das historietas de Quino. Vale lembrar que, nos anos 1960, época em que Mafalda foi criada, o Movimento Feminista estava em alta.



Um bom exemplo disso é a tira onde Mafalda ouve no rádio: "O Papa fez um chamado à paz." E, com sua ingenuidade infantil, responde ao aparelho: "E deu ocupado como sempre, não é?"

Aos poucos, o universo de Mafalda tornou-se mais abrangente. Quino criou um microcosmo representativo do contraste de valores da época, incluindo novos personagens às suas historietas, dentre os quais merecem destaque:

- Susanita, Susana Clotilde (ou Susana Beatriz), criada em 6 de julho de 1965, representa a mulher burguesa que almeja a

tranquilidade de uma família bem constituída, filhos para criar e amigas com quem passar as horas de enfado. Sempre fora da realidade, busca não se envolver com os problemas do mundo e vive presa às aparências. Enquanto Mafalda personifica a mulher liberada que busca igualdade em relação ao sexo oposto, Susanita representa a visão tradicional da mulher subserviente, o que ocasiona frequente atrito entre as duas garotas.

REFERÊNCIA – BELINDA

Belinda é o nome das tiras publicadas em revistas em quadrinhos da Rio Gráfica Editora baseadas no cotidiano da personagem homônima, uma bonita loirinha que depois se casa e forma uma família de classe média. A personagem, cujo nome original é Blondie, foi criada pelo cartunista norte-americano Chic Young e publicada pela primeira vez nos EUA em 1930. A tira foi bem sucedida e teve adaptações para filmes (1938-1950) e um programa de rádio (1939-1950). Chic Young desenhou Blondie até falecer em 1973, quando o controle criativo passou para o filho dele, Dean Young. A tira continuou a agradar ao público, e desde 2006, Blondie pode ser lida por e-mail através do serviço DailyINK da King Features.

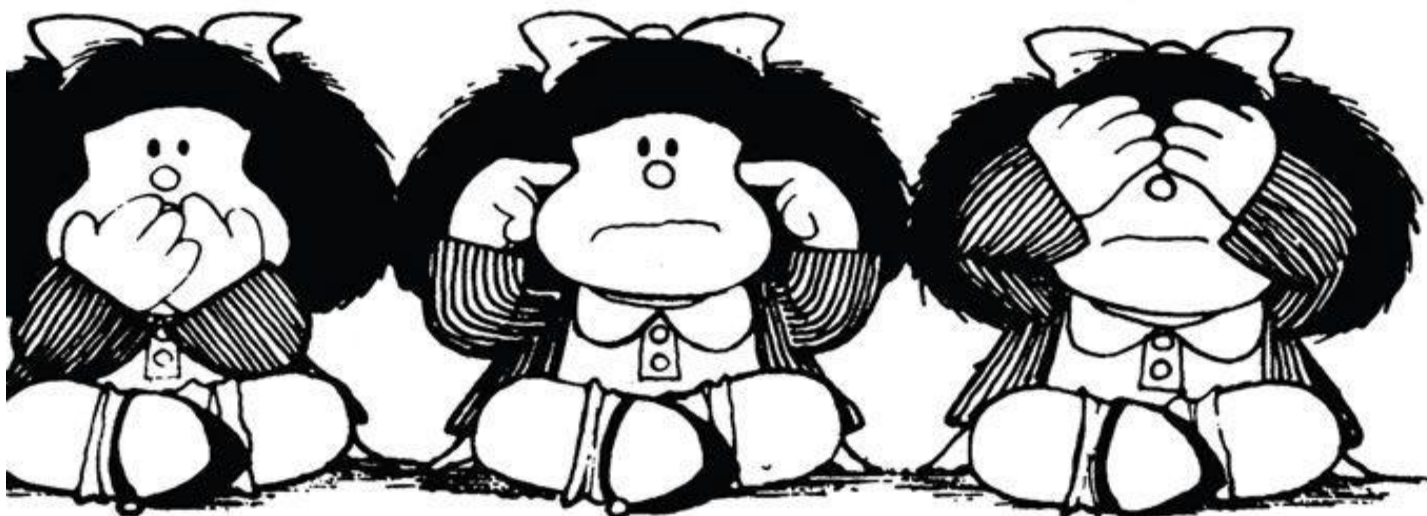


- Filipe, criado em 19 de janeiro de 1965, é um sonhador que odeia a escola, mas que trava intensas batalhas com sua consciência e seu sentido de responsabilidade. Apesar de estar mais avançado que Mafalda na escola, vê a vida de forma mais simples e mais de acordo com sua idade. Foi inspirado no jornalista Jorge Timossi, amigo de Quino.

TIRINHA MAFALDA E MÃE



Quino demonstra por meio de sua personagem, que apesar da sociedade tentar manter o feminino em uma prisão ideológica, a modernidade chega e as gerações crescem com maior liberdade e poder de escolha. A contribuição feminina há muito deixou de ser representada apenas pelo cuidado com a família e com os afazeres domésticos. Cada vez mais as mulheres são responsáveis por suas famílias, são provedoras, havendo casos em que a chefia do núcleo familiar compete apenas à mãe.



- Manolito, criado em 29 de março de 1965, é filho de um comerciante e representa as ideias conservadoras e capitalistas dentro da história. Ambicioso e materialista, não gosta dos Beatles. Tira notas baixas em todas as matérias (menos em matemática, por causa das contas que aprende no mercado com o pai).

- Guille 'Gui', criado em 1968, é o irmão caçula de Mafalda. Esperto para sua idade, é retratado como uma criança que começa a perceber o mundo. Adora sopa, o que provoca asco e raiva na irmã.

TIRINHA MAFALDA E MÃE

O aspecto ácido e rude com o qual Mafalda tenta abrir os olhos da mãe para a mudança de papel da mulher no mundo é necessário se considerarmos os costumes, as religiões e as leis que por anos oprimiram, diferenciaram, subjugaram e controlaram as mulheres. Para Mafalda não cabe o rótulo de feminista, pois o que está em jogo no discurso apresentado pela personagem é muito mais que isso. Quino expressa a ideia de que a mulher é um ser pensante, adormecido por anos de domínio e alienação, mas perfeitamente capaz de reavaliar suas prioridades e se desprender das cadeias que lhe foram impostas pela sociedade machista em que vive. A garotinha tem uma visão apurada do que é natural e do que é imposto, do que nasce da conjectura e do que se aprende por repetição e é precisamente contra isso que ela argumenta. Quino é o ventríloquo falando às mulheres por meio da personagem Mafalda, lembrando que já é hora de abrir o baú das aspirações e sonhar um pouco além da tábua de passar roupa e do fogão, reverter os anos "do lar" para um futuro "do mundo".

- Miguel 'Miguelito' Pitti, criado em 1966, é mais sonhador que Filipe e costuma fazer perguntas absurdas sobre a realidade. Transita entre reflexões etéreas e típicas queixas de crianças, do gênero, "sempre eu, sempre eu...", é filho único. É também o mais inocente da trupe.

CITOU - JULIO CORTÁZAR

'O importante não é o que penso de Mafalda. O importante é o que Mafalda pensa de mim.' Julio Cortázar (1914- 1984), escritor belga-argentino, naturalizado francês

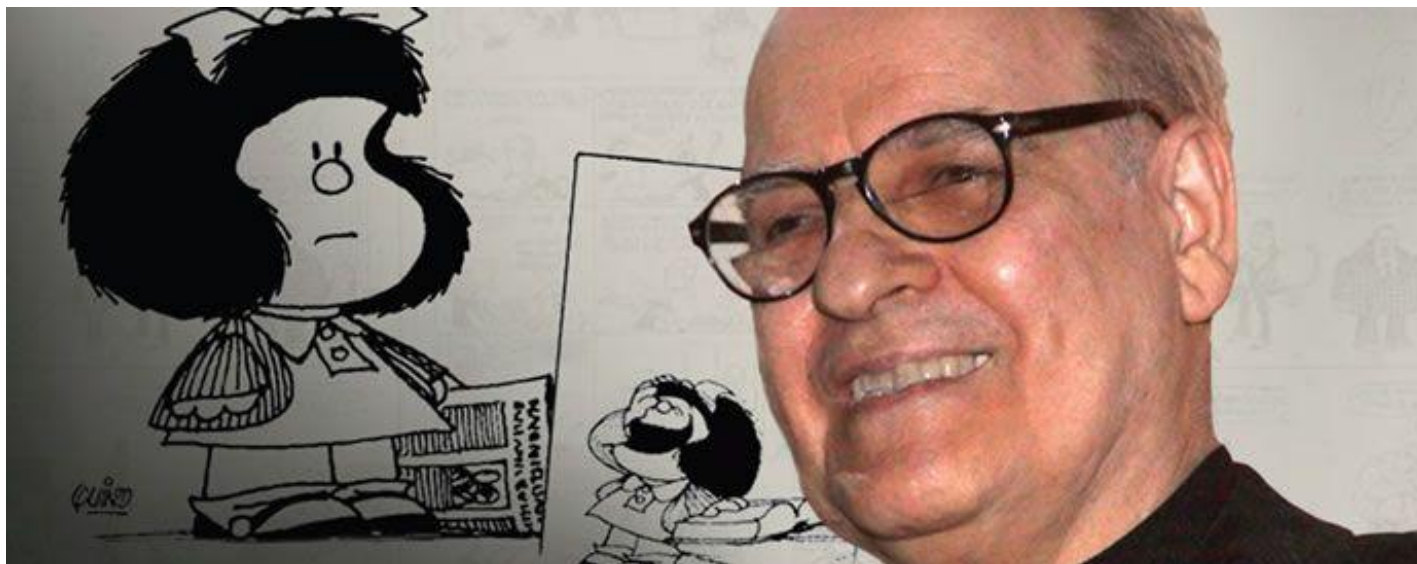


- Liberdade, a última personagem a unir-se à turma, criada em 15 de fevereiro de 1970, é uma menina baixinha, chegando a ser menor que Guille. Ao contrário dos outros amigos de Mafalda, quase sempre conservadores, Liberdade também é bastante liberal e fala sobre como o povo precisa ter consciência da situação do país, organizar uma revolução social e reestruturar a Argentina. Entre as crianças, é a que mais conversa com Mafalda sobre política; a diferença entre as duas é que Mafalda é menos de esquerda que a amiga. Liberdade deseja ser tradutora de francês, como a mãe.

PERFIL - UMBERTO ECO

Nascido em Alessandria, Itália, em 1932, Umberto Eco construiu sólida carreira como professor de semiótica na Universidade de Bolonha. Ensaísta de renome mundial, dedicou-se a temas como estética, semiótica, filosofia da linguagem, teoria da literatura e da arte e sociologia da cultura. Autor de artigos de opinião nos jornais Espresso e La Repubblica, estreou como romancista com O Nome da Rosa, em 1980. Depois do imenso sucesso colhido na Itália e em todo o mundo, escreveu O Pêndulo de Foucault (1988), A Ilha do Dia Anterior (1994) e Baudolino (2000).





POR FIM...

As tiras de Mafalda apresentam uma visão límpida da sociedade argentina da época em que foram criadas, questionando o status quo por meio dos olhos de uma menina de 6 anos sem soberba, que adora os Beatles e odeia sopa, e é crítica ferrenha de valores quase patriarcais, colonialistas e antipovo da elite de seu país.

PERFIL – HENFIL

Henrique de Souza Filho (1944-1988), o Henfil, foi cartunista, jornalista e escritor. Irmão do sociólogo Betinho e do músico Chico Mário, no início da década de 1960 passou a trabalhar em ilustração e produção de HQs. Criou 'Os Fradinhos', em 1964, para a revista Alterosa, de Belo Horizonte. A partir de 1965 criou charges políticas e esportivas, para Diário de Minas, Jornal dos Sports, Realidade, Visão, Placar, O Cruzeiro e Jornal do Brasil. Ficou célebre trabalhando para O Pasquim, a partir de 1969.



No entanto, o que levou Mafalda a sobreviver ao tempo não foi seu discurso político, mas sim seu caráter humano, por mostrar sentimentos e questões sociais ainda presentes no âmago das pessoas e que demandam reflexão – o que na visão de seu criador, que se autodenomina um pessimista, deveria ser motivo de angústia e não de celebração. Enquanto alguns quadrinistas se distinguem pela sofisticação do traço, Quino tomou a via oposta. Segundo a jornalista Nubia Silveira "o traço simples, leve, limpo e expressivo do cartunista transforma em obra de arte cada quadro de uma tira. Os pequenos detalhes compõem as historietas que nos fazem sorrir e pensar. Os temas são os cotidianos: as guerras mundiais, o engarrafamento no trânsito, o alto custo de vida, as férias na praia, o aprendizado escolar". A riqueza de Mafalda, com certeza, está nas ideias expostas. Não, por acaso, Quino é citado em suas biografias como cartunista, desenhista e pensador.



"Mafalda ganhou corações e mentes em todo planeta. Seu alcance é comparável apenas ao da série Peanuts, de Charles Schulz."

Equivalente a Quino no Brasil seria o cartunista Henrique de Sousa Filho, o nosso Henfil (1944-1988). A diferença entre ambos é que Henfil viveu sob a ditadura e Quino encerrou sua mais famosa tira quando se instaurava a ditadura na Argentina. Talvez por isso Henfil seja mais ácido em sua crítica ao elitismo de setores sociais brasileiros, com personagens fantásticos, que mesmo sem terem ganhado a notoriedade mundial de Mafalda, contêm a mesma força e o mesmo caráter contestatório, na vontade expressa de ambos os gênios em respeitar a dignidade humana, a inteligência e a diversidade, com ampla liberdade de criação.

Mafalda ganhou corações e mentes em todo planeta. Seu alcance é comparável apenas ao de Charlie Brown e Snoopy, da série Minduim [Peanuts] do cartunista norte-americano Charles Schulz, nos anos 1950. A diferença reside em que Mafalda, uma típica argentininha, traz em seu bojo as características do humor latinoamericano, que ri de si mesmo e ridiculariza os que querem determinar todas as regras de vida, sem maiores questionamentos. Esse humor refinado, abraçado por milhares de crianças, jovens e adultos de todo o mundo, com toda certeza, ainda continuará a entreter muitas das próximas gerações.



Serviço:

Comix Book Shop loja@comix.com.br - tel. (11) 3088-9116

1 Alguns citam ter sido o nome Mafalda inspirado em um personagem da novela Dar La cara de David Viñas. Gostaria de salientar que novela, nesse caso específico, se refere a um gênero literário e não a séries televisivas. Vale notar, no entanto, que a obra Dar La Cara de David Viñas, está categorizada no gênero romance, a qual rendeu ao autor o Prêmio Nacional de Literatura, na argentina em 1962.

CLÁUDIA COELHO coordenadora editorial das revistas Conhecimento Prático Literatura e Conhecimento Prático Língua Portuguesa da Editora Escala Educacional, é graduada em Letras e especialista em Psicopedagogia e Tradução. É professora de Língua Portuguesa, com ênfase em redação e gramática, Língua Inglesa, e Português para estrangeiros. Blog: <http://ritualdoalimento.blogspot.com.br> *Luzdalva S. Magi, formada em Letras pelo Centro Universitário Fundação Santo André (FSA), é professora de Língua Portuguesa, de Língua Inglesa, de Língua Francesa e suas Literaturas, de Técnicas de Redação e Análise do Discurso é também de Crítica Literária. Trabalha na Rede Particular, Estadual e Municipal da cidade de Santo André, no ABC. Contato. **Revista LITERATURA, Setembro de 2014.**

O chamado a salvar o mundo (LUIZ FELIPE PONDÉ)

HOJE vou propor duas teses. Mas, antes, diria aos inteligentinhos que, como vamos falar de coisa séria (os jovens, uma gente que prezo muito), eles, os inteligentinhos, devem ir pegar sua merenda balanceada e brincar no parque, e deixar a gente grande conversar.

Muitos leitores me perguntam o que seria um inteligentinho. Explico: quando você diz "não existe almoço de graça", o inteligentinho diz que você disse que "os mais pobres não têm direito à felicidade". Quando você diz que "as mulheres não suportam homens fracos", a inteligentinha diz que você disse que "as mulheres devem ficar em casa lavando louça". Em suma: mentem. A primeira tese é que temos estragado a cabeça dos mais jovens há cerca de quarenta anos. Inventamos essa coisa de que eles "devem mudar o mundo" (uma invenção da publicidade dos anos 60 pra vender jeans, com a nobre e sincera intenção de gerar empregos), e isso atrapalha bastante a vida deles.

A propósito, não estou sendo irônico quando digo que a publicidade é sincera. Aliás, no mundo dos idiotas do bem, a publicidade é um dos últimos redutos de sinceridade. "Salvar o mundo" obriga aos mais jovens terem opiniões sobre tudo, principalmente sobre coisas complexas como economia (quando só conhecem a mesada ou a grana do estágio e não são responsáveis por nada de fato), relacionamento homem-mulher (quando acabaram de entrar no "mercado dos sofrimentos afetivos" e mal sabem o que é amar no mundo real), geopolítica (quando muito, se tem dinheiro, fazem intercâmbio na Austrália ou viajam via ONGs superlegais para fazer trabalho social em Madagascar por três meses antes da pós em Nova York). E, o mais importante: esses jovens cheios de "causas pra mudar o mundo" fogem da obrigação de arrumar o quarto se escondendo atrás de discursos sobre o mundo, construídos por professores de história ou filosofia cuja única glória é pregar para adolescentes entediados com um mundo que é sempre cinza e confuso. Além, claro, do tédio com o casamento sem saída dos seus pais. Muitas vezes, esse jovens chamados à jihad light, elegem causas de boutique como "libertar os animais do jugo dos carnívoros", seguindo o filósofo Peter Singer e seu conceito de "especismo", cunhado no livro "Animal Liberation", feito sob medida pra estudantes de classe média alta nova-iorquinos e paulistanos. Gente muito "democrática" que gostaria de colocar fora do lei o menu dos outros. A busca da pureza ainda vai nos matar a todos.

Mas, chama a atenção a forma muitas vezes violenta, ainda que num primeiro momento marcada apenas pela violência verbal, das manifestações desses jovens chamados às formas de jihad light. Sabe-se que muitos dos jovens ocidentais que têm aderido a grupos fundamentalistas são recrutados pelas redes sociais e seu chamado a "mudar o mundo". O tédio assola essa moçada que ganha mesada dos pais ou do Estado. Eis minha segunda tese de hoje: é um erro achar que haja uma distância gigantesca entre os aderentes da jihad light e da hard (sendo esta a que os leva a violência explícita), do ponto de vista dos afetos confusos deste tédio jovem.

No caso específico dos meninos, um detalhe deve nos chamar atenção na adesão crescente ao chamado "para mudar o mundo" dos grupos religiosos fundamentalistas do Oriente Médio. Muitos meninos, equivocadamente, penso eu, sentem que não há espaço pra eles num mundo civilizado em que a masculinidade é vista como sintoma social a ser suprimido via a transformação de todo e qualquer comportamento masculino em "machismo". Muitos meninos temem acabar a vida cuidando de bebês e tendo que parecer meninas para poderem existir.

Acho isso um equívoco, mas negar a existência do fato (que os meninos estão se sentindo acuados por um mundo que os quer feminilizar a todo custo) é outro equívoco. Os jovens aderentes aos grupos fundamentalistas violentos são movidos pelos mesmos sentimentos dos nossos jovens que querem salvar o mundo: a busca da pureza na vida. É hora de pararmos de mandar esses meninos e meninas salvarem o mundo.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Setembro de 2014.**

Desculpa, São Paulo (GREGORIO DUVIVIER)

NA ÚLTIMA coluna, falei mal do Rio e bem de São Paulo. Ofendi profundamente muitos paulistanos. Recebi uma enxurrada de e-mails: "Você fala assim porque não mora aqui. É fácil falar bem, quero ver se mudar pra cá." Não se elogia São Paulo impunemente. Elogiar a cidade é trair o espírito paulistano. Parece que existe um acordo telepático: "Pessoal, vamos combinar que a gente odeia isso aqui? Ótimo". Desculpa, São Paulo. Quando te elogiei, não quis te ofender. A intenção era falar mal, não sei o que deu em mim, acabei falando bem. Sim, sei que você tem problemas. Mas acho que estou meio gostando de você. Desculpa. Calma. Não bate em mim.

Em minha defesa: sou carioca. O ufanismo é uma tradição local, assim como o biscoito Globo, o mate de galão e aquele atraso de meia horinha. A cidade que inventou o aplauso ao pôr do sol popularizou o autoaplausos --também conhecido como beijinho no ombro. O cancionário popular carioca é uma sucessão de autorreverências: sou foda, o Rio de Janeiro continua lindo, meu Exército é pesado a gente tem poder, cidade maravilhosa, na cama te esculacho, coração do meu Brasil. Os hinos paulistanos são muito mais modestos: a deselegância discreta de suas meninas, São, São Paulo, quanta dor, não existe amor em SP, o largo dos Aflitos não era largo o bastante pra caber minha aflição.

São Paulo inventou o um-beijinho-só, essa coisa de gênio. O beijinho do cumprimento é uma formalidade que não envolve nem prazer nem afeto real. Outro acordo telepático: "Vamos combinar que é um beijinho só? Ótimo". São Paulo tem medidor de poluição nos relógios. Não vejo nenhuma justificativa pra isso a não ser o prazer no autoflagelo. O que vai mudar pra sua vida agora que você sabe que o ar está péssimo? Nada. Você não vai comprar uma máscara de oxigênio. Não vai plantar uma árvore. Mas agora você pode reclamar que o ar está péssimo. Ótimo.

O excesso de amor-próprio do carioca gerou uma cidade insuportável - cega para os seus problemas. O hábito da autopichação acabou deixando o paulistano com sérios problemas de autoestima - deixa um carioca deslumbrado te amar, São Paulo.

GREGÓRIO DUVIVIER é ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Setembro de 2014.**

O ASSUNTO É: PRODUÇÃO DE CINEMA NO PAÍS

O Brasil de todas as telas (MANOEL RANGEL)

O **SETOR** audiovisual brasileiro cresceu a uma taxa média anual de 9,3% nos últimos anos. Essa média, muito acima do crescimento geral da economia, esteve lastreada na elevação da renda e entrada de 40 milhões de brasileiros na classe C e na capacidade empreendedora das empresas e dos profissionais do setor. Essa taxa é sustentada por uma política pública vigorosa, que adotou medidas regulatórias e de fomento ao desenvolvimento do audiovisual no Brasil, com destaque para a Lei da TV Paga, o programa Cinema Perto de Você e o Fundo Setorial do Audiovisual.

Os números evidenciam o bom momento. Saltamos de 3,55 milhões de assinantes de TV em 2002, ano da implantação da Ancine (Agência Nacional do Cinema), para 19,1 milhões, em julho de 2014. Crescemos de 1.635 salas de cinema, em 2002, para 2.800, em agosto de 2014, e de 91 milhões de ingressos vendidos, em 2002, para 150 milhões, em 2013. A televisão aberta manteve a sua força e avança na digitalização, atualizando o seu arranjo e posicionando-se para o futuro. Segundo dados da Anatel, a banda larga saltou de 2 milhões de acessos, em 2002, para 165,5 milhões, em julho de 2014, abrindo caminho para o serviço de vídeo por demanda crescer.

O crescimento geral do setor não traria impacto tão profundo para o país se não tivesse sido acompanhado pelo protagonismo da produção brasileira e das empresas nacionais. Em 2002, 29 filmes brasileiros foram exibidos no cinema, com uma participação de apenas 8% nas bilheteiras. Em 2013, alcançamos a marca de 129 filmes lançados e 18,6% de participação nos ingressos. Na TV paga, onde o Brasil era estrangeiro em sua própria casa, nossos filmes e séries ocupam hoje o horário nobre de 110 canais. Em 2013, 3.205 obras brasileiras foram licenciadas para esse serviço.

Ainda em desenvolvimento, esse ambiente marca a consolidação da Política Nacional de Cinema e Audiovisual como política de Estado. Ela busca enfrentar os desafios econômicos, culturais e sociais para fazer do Brasil um grande centro produtor e programador de conteúdos audiovisuais brasileiros, almejando tornar o país a quinta maior economia audiovisual do mundo. Esse objetivo, consagrado no Plano de Diretrizes e Metas, aprovado em 2012, foi pactuado pelo governo federal e por 18 representantes de todas as áreas do setor reunidos no Conselho Superior do Cinema.

Essa política posiciona o Estado como regulador do mercado e indutor do desenvolvimento. Mantém o empreendedorismo inteiramente nas mãos dos nossos profissionais e talentos e das empresas do setor. Não é o governo que constrói salas, que opera a TV paga, que diz quais obras audiovisuais devem ser feitas ou como devem ser produzidas. A Ancine e o Ministério da Cultura, ao contrário, respeitam e estimulam a diversidade e a pluralidade dos nossos realizadores e produtores, assim como a liberdade de escolha dos brasileiros. Há ainda muitos desafios pela frente. É preciso ajustar o marco regulatório para os serviços de vídeo sob demanda, reequilibrar relações de distribuição e exibição decorrentes da digitalização dos cinemas e aprofundar os laços das TVs com a produção independente. É preciso ainda enfrentar a secular tradição burocrática do Brasil e tornar os processos mais simples e ágeis.

O programa Brasil de Todas as Telas foi lançado para consolidar esse quadro e avançar no desenvolvimento do audiovisual. Estamos investindo R\$ 1,2 bilhão para perseguir as metas pactuadas. Há no mundo uma enorme curiosidade pelo que o nosso modo de criar e viver pode oferecer. O audiovisual feito aqui, com todos os olhares e sotaques brasileiros, olha o presente com confiança e tem muito a contribuir para o futuro do nosso país.

MANOEL RANGEL, 43, cineasta, é diretor-presidente da Ancine - Agência Nacional do Cinema. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Setembro de 2014.**

O ASSUNTO É: PRODUÇÃO DE CINEMA NO PAÍS

A política do filme-varejão (ANDRÉ KLOTZEL)

A **ATUAL** forma de se financiar o cinema produzido para o mercado de salas de exibição no Brasil é produto de uma visão equivocada sobre o papel dos agentes econômicos. O financiamento da atividade vem sendo deslocado

gradativamente do sistema de leis de incentivo para tornar-se centralizado no Fundo Setorial do Audiovisual, controlado pela Ancine (Agência Nacional de Cinema), que é, paradoxalmente, reguladora e fomentadora.

Por meio dos vários mecanismos de fomento, suportes automáticos e fluxos contínuos, a Ancine resolveu que os intermediários devem ser protagonistas do mercado de produção. São os distribuidores - e não mais os produtores - que têm a primazia da decisão sobre quais filmes financiar. É mais ou menos como se os supermercados decidissem sobre o plantio da agricultura, ou os revendedores de carros determinassem o modelo a ser lançado por uma montadora no ano seguinte.

O resultado dessa política é que os distribuidores, como é de sua natureza, optam por investir nos filmes mais fáceis de vender. Ou seja, produtos de apelo imediato, preferencialmente em coprodução com uma grande rede de televisão, óbvios sob todos os pontos de vista. Essa política funciona como um estímulo à estratégia de filmes-varejão, com preponderância das comédias em escala, que existem desde a Chanchada e Mazzaropi, até Xuxa e Os Trapalhões. Filmes esses que devem continuar existindo, mas sem a necessidade de uma logística prioritária no financiamento estatal. A distorção é maior se for levado em conta que nunca se gastou tanto para produzir cinema no Brasil e que, mesmo assim, o atual modelo de financiamento não consegue aumentar a participação dos filmes nacionais nas salas de exibição. Continuamos na média histórica de 15%, ou menos, sobre o total arrecadado nas bilheterias no país. Até agosto deste ano, o cinema brasileiro obteve medíocres 11,3% de participação na renda total do mercado - um decréscimo de quase 30% em relação aos 16,1% no mesmo período do ano anterior.

Outro fator a ser levado em conta é o processo de concentração. A tendência mundial é fazer grandes lançamentos de filmes no maior número de salas possível e com vultoso investimento em propaganda. Essa prática irá aumentar ainda mais com a progressiva digitalização das salas de cinema que, por ser considerada predatória, é economicamente desestimulada em alguns países mais zelosos pela diversidade. No Brasil, a concentração é tal que no ano passado os 20 filmes nacionais de maior bilheteria arrecadaram 95,4% da receita e aos outros 109 filmes coube os 4,6% restantes.

Como acontece com a ciência e a tecnologia, a arte é atividade de intensa inovação. Por isso, se é importante investir em cinema e ocupar esse mercado de relevância estratégica, que seja para estimular uma cinematografia empenhada em buscar formas de associar criatividade a possibilidades de mercado. Nem na maior indústria de cinema do mundo o setor de comercialização é responsável pelas decisões dos empreendimentos criativos. As grandes empresas norte-americanas são originariamente produtoras de cinema que constituíram seu próprio serviço de distribuição para escoar os produtos, não o inverso.

A atual política de fomento coloca os produtores e diretores de filmes do Brasil cada vez mais num papel semelhante ao de meros prestadores de serviços para atender aos distribuidores. Nessa toada, corremos o risco de ter um cinema brasileiro irrelevante, tanto do ponto de vista cultural como do comercial.

ANDRÉ KLOTZEL é diretor, produtor e roteirista de cinema. Realizou os filmes "A Marvada Carne", "Memórias Póstumas" e "Reflexões de um Liquidificador". **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Setembro de 2014.**

O sono infantil (ROSELY SAYÃO)

HÁ MÃES e pais que dizem ter sorte com o sono do filho: desde a chegada do bebê em casa, eles pouco tiveram de se privar de seu descanso noturno para atender aos chamados do bebê. Mas - cá entre nós -, se esses pais existem, são raras exceções. É que o ritmo do sono da criança, nos primeiros anos de vida, costuma dar bastante trabalho aos pais, por quase nunca estar em harmonia com o sono deles.

Logo após o nascimento, o bebê não diferencia o dia da noite. Ele dorme bastante, mais ou menos umas 20 horas por dia, mas alterna seu sono, que dura até três ou quatro horas, com períodos em que fica acordado, independentemente de estar claro ou escuro. Aos poucos, o período de sono sem interrupções aumenta, mas só ao chegar aos três anos é que a criança diferencia o dia da noite e dorme mais à noite e menos de dia. É importante lembrar que cada criança tem seu próprio ritmo, por isso estar fora dessas referências não sinaliza problema, necessariamente.

O ritmo biológico do sono é afetado por outras questões: o medo do escuro, os pesadelos, a insegurança de se afastar dos pais etc. E é principalmente a reação dos pais frente a esses acontecimentos que facilita ou atrapalha a superação das dificuldades encontradas pela criança. Há pais que se desesperam porque, no dia seguinte, precisam enfrentar a batalha dos afazeres domésticos ou profissionais. E aí fazem de tudo para garantir seu descanso: vale deixar a criança chorar por muito tempo, vale determinar rotinas rígidas, vale embalar, vale levar para a própria cama, vale alimentar etc. E vale, principalmente, buscar receitas em livros, que existem aos montes.

Mas vamos usar o bom senso: nenhuma receita é mágica. Elas podem até funcionar, por um período, e pouco ajudam a criança a desenvolver ou retomar sua autonomia de sono. Estabelecer rotinas é bom? Nem sempre. Rotinas, assim como regras, são infantilizadoras. Rituais e princípios, por sua vez, são emancipadores. Criar rituais em vez de estabelecer rotinas e se pautar por princípios em vez de usar regras são modos de oferecer um contexto mais apropriado ao desenvolvimento saudável do filho.

Quais são as diferenças entre rotinas e rituais, considerando o sono da criança? Uma rotina pode ser, por exemplo: determinar um horário para o filho dormir, um local - seu quarto, sua cama -, uma sequência de ações etc. Rotinas automatizam o comportamento da criança, não a ensinam. Além disso, a criança passa a depender da rotina que, quando quebrada, pode deixá-la perdida. Já o ritual ajuda a criança a se apropriar do recolhimento necessário para o sono, ou seja, ajuda-a a ter mais autoconhecimento e controle sobre si mesma. Exemplo de ritual do sono: trocar de roupa, fazer a higiene que a família adota, passar para brincadeiras menos excitantes e barulhentas, dirigir-se ao local de dormir etc.

No ritual, a criança não depende das atividades propostas, da sequência delas, tampouco do local em que está. Ela aprende, aos poucos, que esse é um processo que a ajuda a se preparar para a transição do estado de vigília ao sono. Para que funcione, o ritual só precisa ser valorizado pelos pais. Em resumo: mais importante do que fazer a criança dormir, é ajudá-la a conquistar mais domínio sobre seu sono.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Setembro de 2014.**

Propaganda não decide eleição (CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA)

SEJA QUAL for o resultado, a campanha presidencial de 2014 já terá prestado enorme serviço ao Brasil se os políticos quiserem enxergar alguns fatos que ela já produziu. Há décadas, partidos e líderes políticos fazem concessões e traem ideais e biografias (Lula no jardim de Maluf com Fernando Haddad, por exemplo) para conseguir alguns minutos a mais no horário eleitoral gratuito.

Tudo devido à crença generalizada, apesar de várias negativas da ciência e da história, de que as pessoas se deixam manipular pelos meios de comunicação de massa: quem aparecer mais tempo na TV vencerá. Não foi assim em 1989: Ulysses Guimarães tinha o dobro do tempo da propaganda eleitoral e Aureliano Chaves 60% a mais do que Lula e Collor juntos. Estes, não aqueles, passaram ao segundo turno.

Lula tinha menos tempo que Serra, em 2002, e que Alckmin, em 2006, mas ganhou as duas eleições. Nos três exemplos, o vitorioso foi percebido pelos eleitores como quem tinha mais condições de realizar o que a maioria desejava para o futuro. Pouco importou que aparecessem menos tempo na TV. Outra lenda é que o partido que mais gasta com marketing leva vantagem. Em 1989, o PMDB de Ulysses investiu 13 vezes mais em propaganda que o PRN de Collor e cem vezes mais que o PT de Lula.

Ainda assim, a campanha de 2014, prevê-se, será a mais cara da história porque os partidos acham que devem despendar fortunas em programas de rádio e TV. Neste ano, Dilma tem quase seis vezes mais tempo que Marina, e Aécio mais que o dobro que a candidata do PSB, mas só ela disparou nas pesquisas. Marina também tem sido objeto de raríssima campanha de críticas na internet e do jornalismo que torna aliados (talvez pela primeira vez) líderes da chamada "mídia progressista", que sempre defendem o PT, e próceres do que eles chamam de "Partido da Imprensa Golpista", que invariavelmente o atacam.

Apesar desse consenso incomum, Marina se mantém. Isso não surpreende quem acompanha a pesquisa acadêmica na área de comunicação. Em 1940 e 1944, Paul Lazarsfeld fez um pioneiro estudo metódico nos EUA sobre comportamento eleitoral e consumo de informação dos cidadãos. Sua conclusão foi que os meios de comunicação exerceram influência pequena ou nula sobre a decisão de voto das pessoas. Nos 70 anos seguintes, a literatura científica tem corroborado as suas conclusões.

Na coluna de 31 de agosto, a ombudsman desta **Folha** mostrou que desde 1960 o "New York Times" (e a maioria dos principais veículos de imprensa do país) tem apoiado o candidato do Partido Democrata à Presidência. Mas nos 14 pleitos entre 1960 e 2012, democratas e republicanos ganharam sete vezes cada. Foi a mídia que elegeu os democratas? Caso sim, por que eles não ganharam as 14 vezes? No Brasil, o PT venceu três eleições presidenciais seguidas, apesar de o partido propalar que a imprensa o persegue. Quando um dia vier a perder, o PT vai atribuir à imprensa sua eventual derrota?

Meios de comunicação, como seu nome deixa claro, são apenas meios. O que define a preferência do eleitor é a mensagem do candidato e o quanto ele a identifica como parte de suas próprias aspirações. Ao contrário da atitude condescendente e diminutiva com que leitores apressados e equivocados da Escola de Frankfurt tratam os cidadãos, estes sabem o que querem e não se deixam manipular. Os eleitores podem até errar em suas decisões, mas o fazem convictos de que acertam.

CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA, 61, livre-docente e doutor em comunicação pela USP, é autor do livro "O Marketing Eleitoral" (Publifolha). Foi secretário de redação e ombudsman da **Folha**. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Setembro de 2014.**

Crianças protegidas e inseguras (CONTARDO CALLIGARIS)

DURANTE a minha infância, quanto tempo eu passava sem a supervisão de um adulto Grosso modo, dos sete aos 12 anos, eu ia para escola sozinho, de "tramway". Pegava o bondinho a três quadras de casa, e a escola era a segunda parada: digamos que o conjunto levasse meia hora.

A volta da escola era a pé, com os amigos, brincando e conversando. Não levava menos de uma hora; eu chegava sempre atrasado para o almoço, mas isso era tolerado. Nos dias em que a escola se estendia até a tarde, a volta era mais longa: parávamos para brincar nas quadras de escombros dos bombardeios de 1943. Eram lugares proibidos e perigosos; havia bombas não explodidas (é o que diziam), estruturas perclitantes e ratos, muitos ratos. Duvido que meus pais não soubessem: afinal, a cidade não tinha recuperado seus parquinhos e gramados - no lugar desses, havia os escombros. Nestes dias, então, a volta durava duas horas.

Uma vez em casa, eu me instalava à minha mesa de trabalho e estudava, direto, até o jantar. Claro, havia adultos no apartamento, mas, até o fim do dia, ninguém sequer entrava no meu quarto, nunca - ninguém, por exemplo, tentava saber o que eu estava lendo. Só na hora do jantar, minha mãe aparecia para verificar (por cima) se eu tinha terminado meus deveres. Eu ficava portanto sem adultos entre quatro e seis horas, a cada tarde. No sábado, a partir dos oito anos, eu saía depois do almoço e voltava à noite - ia para o cineclube da escola, onde ficava por duas sessões seguidas.

Conclusão, eu ficava sem supervisão adulta sete horas por dia: uma média baixa, pois a maioria dos meus colegas dispunha do domingo (que eu passava obrigatoriamente com meus pais). Claro, a diferença cultural entre Europa e Brasil se reflete na maneira de criar os filhos: na Europa, de qualquer criança, espera-se que, na medida do possível e antes de mais nada, ela "se vire". Mas, além dessa diferença cultural, os tempos mudaram. Num artigo na revista "The Atlantic" de abril, Hanna Rosin lembra que, nos EUA, em 1971, 80% das crianças de oito anos iam para escola sozinhas. Em 1990, só 9% pareciam ser considerados capazes dessa "ousadia". Não temos os números de hoje, mas, se a tendência tiver continuado, não deve haver mais ninguém ou quase. Agora, olhe ao seu redor e faça a conta: seus filhos, enteados, sobrinhos, quanto tempo eles passam efetivamente sem a supervisão de um adulto? Na classe média, entre motoristas, babás, professores particulares, repetidores, terapeutas, ortodontistas e bedéis onipresentes nos recreios, será que esse tempo existe? A resposta tradicional a essa observação é que o mundo se tornou mais perigoso: haveria mais adultos mal intencionados, mais riscos - é preciso proteger as crianças. Pois é, Rosin lembra que, neste tempo, a taxa de acidentes sofridos por crianças não mudou.

Ou seja, o aumento do tempo de supervisão adulta e as novas regras de segurança (formais ou caseiras --nos equipamentos dos parquinhos, nas escolas, em casa etc.) certamente salvaram algumas vidas, mas não alteraram a estatística. O que aumentou neste período, segundo Rosin, não foi a segurança, mas as fobias das crianças, que ficaram com medo dos comportamentos que lhes foram proibidos. Ou seja, as crianças não podem mais subir numa árvore; o número de acidentes em que uma criança cai de uma árvore não muda, mas aumenta o número de crianças que tem medo de alturas.

Não encorajo ninguém a, de repente, autorizar suas crianças a circular sozinhas e se aventurar por penhascos. Provavelmente, elas não saberiam o que fazer com essa liberdade inesperada. Mas vale a pena se perguntar: se o mundo não é mais perigoso do que já foi, o que aconteceu? Por que nos tornamos supervisores compulsivos de nossas crianças? Pois bem, o mundo não é mais hostil do que já foi, mas nossa confiança nele diminuiu, e talvez compensemos nossa falta de confiança protegendo nossas crianças da hostilidade que nós enxergamos no mundo.

Nota: como era previsível, proteger excessivamente nossas crianças as torna mais desconfiadas - não mais seguras. Se quiséssemos que nossas crianças fossem confiantes, seria preciso que elas fossem mais autônomas.

Regra sobre a qual valeria a pena voltar: a autonomia produz confiança, a proteção, ao contrário, produz insegurança.

CONTARDO CALLIGARIS, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Setembro de 2014.**

Em eleição tudo pode acontecer (ALBERTO GOLDMAN)

A DISPUTA eleitoral começa a entrar em sua fase aguda. Como sempre, em função das pesquisas, que mostram um quadro momentâneo, alguns cantam vitória antecipada. Outros, quando a derrota lhes parece inevitável, entregam-se, seja por desânimo, por indigência intelectual ou por puro oportunismo, e passam a procurar o "menos pior".

É o que acontece com a disputa presidencial deste ano. Em razão de um triste episódio - a morte de Eduardo Campos, surgiu uma nova candidata, Marina Silva (PSB), que aparece em primeiro ou segundo lugares nas pesquisas, como se fosse uma das contendoras inevitáveis no segundo turno. Minha experiência é repleta de episódios de disputas em que profundas modificações se dão no processo eleitoral, produzindo grandes mudanças na intenção de voto dos eleitores até o dia da votação. Já assisti a isso em eleições em todos os níveis. Fernando Henrique perdeu a eleição para prefeito de São Paulo nas 48 horas que antecederiam a eleição de 1985. Luiza Erundina venceu o pleito municipal em São Paulo, em 1988, na última semana, atropelando Paulo Maluf e João Leiva.

Em 1989, na sucessão de José Sarney, tudo fazia crer que Brizola venceria. Para surpresa geral, o desconhecido Fernando Collor cresceu, acompanhado de Lula. Os dois foram para o segundo turno e Brizola ficou de fora. Na última disputa municipal em São Paulo, o azarão Celso Russomano parecia imbatível, disputaria sem qualquer dúvida o segundo turno. Não foi o que ocorreu. O caso mais emblemático que vivi semelhante com o que está ocorrendo até agora foi em 1986, na disputa ao governo de São Paulo. O quadro no início da campanha era Maluf em primeiro, Orestes Quércia logo atrás. Inesperadamente, e já próximo à data da eleição, o PTB lançou Antônio Ermírio de Moraes, empresário de respeito, que imediatamente apareceu em segundo, muito perto de Maluf, jogando Quércia para baixo (com 9 % nas pesquisas).

Quércia parecia liquidado, a questão seria escolher Maluf ou Antônio Ermírio (não havia segundo turno) e muitos bandearam-se para o empresário, considerado o "mal menor". O resultado final foi Quércia vitorioso, Antônio Ermírio em segundo e Maluf lá atrás. O processo eleitoral é complexo e muitos fatores alteram a intenção dos eleitores expressa nas pesquisas quase que de um dia para o outro. A pesquisa não tem o dom de prever o futuro, apenas retrata o presente. Na atual eleição presidencial, a mobilidade das intenções de voto dos eleitores é patente, e não poderia ser de outra forma.

Alguns números são relativamente estáveis, como o índice de rejeição da presidente Dilma Rousseff, que fica acima de 30%, com menos de 40% das intenções de voto a seu favor e a vontade de mudança expressa por 70% do eleitorado. Mas está em evolução o nível de conhecimento de Aécio Neves, ainda baixo, ao contrário dos índices altos de Dilma e Marina. O que se vê hoje é o embate em que se meteram as duas respeitáveis candidatas que, se de um lado mostra um espetáculo pouco edificante na disputa eleitoral, por outro mostra o caráter e a personalidade de cada uma. Enquanto isso, Aécio acertadamente apresenta sua história e suas propostas.

Haverá um momento em que o eleitor se perguntará sobre quem é o melhor, levando em conta seus perfis e o que pensam das questões que são realmente importantes para a vida dos brasileiros e para o futuro da nação: petróleo, infraestrutura, preços, salários, inflação, crescimento econômico, democracia, valores éticos, escândalos. Tudo isso há de influir na decisão do eleitor. Essa mobilidade já se mostrou nas primeiras semanas de campanha e se aprofundará nas seguintes à medida que a data fatal se aproxima. Quanto mais perto dela, mais a atenção do eleitor e mais decidida passa a ser sua intenção de voto. Até os últimos dias tudo pode acontecer.

ALBERTO GOLDMAN, 76, vice-presidente nacional do PSDB, é coordenador da campanha de Aécio Neves à Presidência da República em São Paulo. Foi governador de São Paulo (2010). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Setembro de 2014.**

Prosaicas, porém relevantes (DRAUZIO VARELLA)

MILHÕES de pessoas sofrem de hemorroidas. Em nosso site, o tema está permanentemente entre as cinco páginas mais visitadas. Das patologias do aparelho digestivo, elas só perdem em prevalência para o refluxo gastroesofágico e para os distúrbios funcionais dos intestinos.

Hemorroidas fazem parte da anatomia normal. São formadas por fibras conjuntivas e uma rede de artérias e veias conectadas na submucosa da região anorretal. Esse acolchoamento vascular está envolvido nas sensações que permitem avaliar o conteúdo do reto, facilita o fechamento e a continência do ânus e protege o esfíncter anal dos traumatismos associados à defecação. De acordo com a localização em relação à linha denteada - área do revestimento interno situada a 3 ou 4 cm acima do rebordo anal - as hemorroidas costumam ser divididas em três grupos: internas (acima dessa linha), externas (abaixo dela) e mistas.

Não estão claras as causas dos sintomas. Um estudo austríaco que reuniu pessoas submetidas à colonoscopia de rotina encontrou hemorroidas aumentadas e visíveis em 39%. Apenas a metade se queixava delas. Os sintomas surgem quando o complexo hemorroidário se projeta na direção do ânus, porque os tecidos que lhe dão suporte enfraqueceram ou foram traumatizados. Esse "escorregamento" do feixe vascular dificulta o retorno do sangue venoso, inflama e edemacia os vasos, criando um ciclo vicioso. O risco é mais alto nas situações em que ocorre aumento da pressão no interior do reto: gravidez, obstipação, diarreia, ascite, hipotonia do assoalho pélvico, anormalidades vasculares, obesidade, sedentarismo e dieta pobre em fibras.

As manifestações variam com a gravidade. Em cerca de 60% dos casos ocorre sangramento durante ou imediatamente depois da evacuação. Podem aparecer gotas de sangue no papel higiênico, na água do vaso sanitário e até na roupa. O segundo sintoma mais frequente é o prurido, presente em 55% das vezes. Desconforto faz parte de 20% das queixas, mas dores fortes são raras tanto nas hemorroidas externas quanto internas, a menos que haja complicações: trombozes, prolapsos, isquemia ou encarceramento hemorroidário. Dores fortes fazem suspeitar de outras condições: fissuras anais, infecções, abscessos, câncer de cólon e reto, ulcerações retais, doenças inflamatórias intestinais, verrugas anais, pólipos ou diverticulite.

De acordo com a extensão, as hemorroidas podem ser de primeiro grau (vasos salientes e engorgitados, mas que não se deslocam para baixo), segundo grau (hemorroidas que se deslocam ao esforço, mas retornam à posição original espontaneamente), terceiro grau (quando há prolapso que precisa ser reduzido com os dedos) e quarto grau (quando o prolapso já não pode ser reduzido manualmente).

A medida preventiva mais importante é evitar a obstipação. Passar o dia sentado, beber pouca água e dieta pobre em fibras formam bolos fecais ressecados que progridem lentamente, pressionam e lesam os tecidos hemorroidários no esforço evacuatório. É fundamental criar uma rotina para que os intestinos funcionem no mesmo horário, de preferência logo depois do café da manhã, antes de sair de casa. Quando os estímulos para evacuar são frustrados, a fisiologia é subvertida, a água do conteúdo fecal é absorvida e aumenta a pressão na luz intestinal.

A evacuação ideal é a que acontece com esforço mínimo, em um ou dois movimentos expulsivos. O hábito de ler jornal no vaso sanitário, forçando-a diversas vezes, é péssimo. Banheiro não é biblioteca. O uso do papel higiênico traumatiza a mucosa retal, inflama os tecidos hemorroidários e agrava o quadro. A higiene deve ser feita com água, sabão e delicadeza.

Pomadas contendo corticoides, vasoconstritores e analgésicos aliviam os sintomas. Quando essas medidas falham há procedimentos cirúrgicos que vão da simples ligadura ambulatorial dos vasos, às cirurgias mais agressivas, indicadas de acordo com a gravidade. Para encerrar, deixo uma advertência: canso de ver casos de diagnóstico tardio de câncer colorretal em que o sangramento foi menosprezado. Nem tudo que sangra pelo reto é hemorroida.

DRAUZIO VARELLA é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro 'Estação Carandiru' (Companhia das Letras). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Setembro de 2014.**

